

O DISCURSO DO TRÁGICO NAS CAPAS DOS JORNAIS DE FRUTAL-MG:

A CONSTRUÇÃO DA VIOLÊNCIA E DA MORTE NAS MANCHETES DE PRIMEIRA PÁGINA

Regina Papadopoulos Temporin¹
Universidade do Estado de Minas Gerais – Brasil
regina.papadopoulos@outlook.com

Rodrigo Daniel Levoti Portari²
Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal, MG
rdportari@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo de analisar “A informação fotográfica e manchete nas capas dos jornais de Frutal”, com o principal foco em notar a utilização do trágico como principal valor notícia que se desdobra na forma de violência e morte. A cidade de Frutal, localizada em Minas Gerais tem aproximadamente 60 mil habitantes e conta com alguns jornais locais sendo os de maior circulação e periodicidade constante o Jornal Pontal e o Jornal de Frutal, ambos tem formato standard e tem morte violência ocupando as primeiras páginas. Objetiva-se conceituar a violência, a morte e o valor notícia e observar se existe obsessão temática na utilização de morte nas capas dos semanários, com intuito de entender o tipo de técnica utilizada para dispô-la e o que essa prática causa na formação da notícia e na e formação de informação dos homens que a consomem.

Palavras-chave: Morte; Jornalismo popular; Manchete; Imagem ; Valor notícia

Abstract

This article has objective to analyze “The photography’s information and headline in the cover Frutal’s newspaper”, with the objective in analyze the tragic as principal of news, in form of violence and death. The city of Frutal, localized at Minas Gerais has approximately 60 thousand habitant. There are some local newspaper, to be the largest circulation the Jornal Pontal e Jornal de Frutal, the both has format standard, and has violence occupying the first page. The objective is show the concept of violence, death and the news value and notice the existence of thematic obsession in the use of the death on the newspapers’ covers, to understand the type of technique is used to make the newspapers’ covers, and that the use of this technique causes the formation of news and the information that each person reads this type of matter.

Keywords: Death, popular journalism, Headline, Photograph, New value.

¹ Estudante de graduação do 8º período do curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da UEMG, email:regina.papadopoulos@outlook.com

² Orientador do trabalho. Coordenador do curso de Comunicação Social da Uemg, email:rdportari@gmail.com

INTRODUÇÃO

O noticiário envolvendo morte, assassinatos e crimes violentos sempre esteve presente na mídia impressa, desde seus primórdios. No âmbito da mídia, Barbosa (2013) relata que no Brasil, já no século XIX, os primeiros folhetins “de massa” passaram a se ocupar desse tema em suas páginas, como uma espécie de popularizar a circulação do impresso em meio a uma sociedade onde apenas 20% eram considerados letrados. No país observou-se que essa estratégia muito se assemelhava ao que era feito alguns séculos antes na França com os canards ou na Inglaterra como *penny press*, jornais de baixíssimos custo que se ocupavam principalmente desses temas em suas páginas. Além de crimes e mortes, esses jornais também se ocupavam de eventos “mágicos”, como o aparecimento de cometas ou eclipses solares e lunares, como bem relatam Angrimani (1995), Dias (1996) e Barbosa (2013). Ainda numa perspectiva sociológica, Maffesoli (2002) ressalta que violência e morte estão nas bases das estruturas sociais, estando marcadamente presentes em guerras e formações de territórios.

Na construção da narrativa jornalística nas capas das publicações analisadas no presente trabalho, ou seja, os jornais Pontal e De Frutal, é clara a predileção pelo tema do trágico (como veremos no decorrer do texto) e, nesse aspecto, pode-se ressaltar que conforme autores como Bystrina (1996), Ariès (2012), Freud (2012), Maffesoli (1998), Portari (2009; 2013), Contrera (2002), violência e morte são temas que se destacam e têm lugar privilegiado nas discussões da sociedade.

Essa materialização do tema se dá principalmente em jornais de maior apelo popular, que têm preocupação centrada no noticiário de bairro ou, quando muito, de alguma região que não extrapole algumas dezenas de quilômetros da sede de suas redações (Portari, 2013: 124).

Semanalmente os leitores dos Jornais De Frutal e Pontal são bombardeados com imagens da violência e da morte em suas casas, colocados diante de imagens fotográficas de acontecimentos registrados no município que estão ligados à editoria de polícia. Seja um assalto, prisão por drogas ou assassinatos, é fato que a violência e a morte têm presença constante nos media, em especial em jornais locais que se voltam principalmente para o noticiário de bairro ou, no máximo, de abrangência regional.

Nas capas dos jornais, o sincretismo entre texto e imagem é responsável por construir uma informação que se assemelhe aquilo que é entendido por “realidade”, ou “fato bruto”, nas palavras de Charaudeau (2006). Partindo desse pressuposto, temos que a mídia, através das imagens, retomam diretamente conceitos tratados por Bystrina (1996) e Iuri Lotman, onde, para os autores, o medo da morte é uma das principais bases para a formação da “cultura” dos povos, sendo que os textos imagéticos e escritos, por exemplos, surgiram da tentativa de se eternizar as histórias mesmo diante da morte.

Ao dar publicidade à violência e à morte os jornais contribuem, ao mesmo tempo, para retomar os mais primitivos conceitos de segurança e sobrevivência. E é a partir destes conceitos que verificamos uma construção de um discurso destes dois jornais de modo a tornar a morte a violência parte integrante do cotidiano de seus leitores, o que pode provocar a banalização destes temas e perceber que “... em todas as instâncias a violência está tão presente nas situações comunicativas da mídia contemporânea, que se apresenta como uma obsessão temática.” para os meios de comunicação (Contrera, 2002: 89).

Para além da questão comercial, é preciso compreender como se dá a construção textual e imagética das notícias relativas a esses temas na mídia impressa do município de Frutal (MG), considerando que a página do jornal impresso é um espaço estruturador de sentidos, onde a publicação assume o papel de dispositivo que interfere na percepção cotidiana dos leitores. Dessa forma, compete a esse meio de divulgação de notícias fazer a mediação necessária para a compreensão da realidade, já que nele se materializam aquilo que é entendido como “realidade exterior” ao leitor, e considerando ainda que o hábito de leitura, bem como a periodicidade dos jornais faz com que seus leitores construam uma narrativa acerca de seu cotidiano a partir do conteúdo publicado, logo o papel do jornalista é de suma importância, de responsabilidade direta na concepção de realidade (Leal, 2012).

Atualmente dois semanários em Frutal têm predileção por notícias que envolvam a morte: o Jornal Pontal e o Jornal De Frutal. Com essa mercantilização sugere-se a análise das capas dos jornais que foquem no âmbito da violência urbana, para apontar quais são as técnicas de construções textuais de suas manchetes juntamente com a imagem nas capas dos jornais apontados, para com isso entenderem-se como se

conceitua o valor notícias e sua obsessão temática. E o reflexo que isso gera na formação da notícia e em relação às noções de realidade que os homens constroem.

1. Sobre violência e mídia

O conceito de violência é, de sobremaneira, relativo. Um ato considerado de violência por uma pessoa pode não ser, necessariamente, considerado por outra. Um exemplo típico relatado em Portari (2009) são os ataques às Torres Gêmeas nos Estados Unidos, ocorrido em 11 de setembro de 2001. Enquanto o mundo ocidental se consternava com a morte e a queda dos prédios, radicais islâmicos comemoravam o sucesso da empreitada, especialmente pelo fato de três aviões terem sido sequestrado e centenas de “infiéis” terem sido mortos nos ataques planejados pelo Al Qaeda. Assim, para evitarmos interpretações dúbias, é necessário que se faça o recorte adequado do assunto. “A violência não pode ser entendida como um dado da realidade, mas como um ângulo, uma percepção possível de um conjunto de fenômenos sociais, políticos e culturais, que costumam se chamar de violência.” (Matheus, 2007: 3-4).

Não se nasce um dia achando que tudo é violência, a violência é um dado construído a partir de dosagens repetitivas de notícias falando sobre crimes, mortes e desestrutura. Em síntese, através do exercício de se propagam a instabilidade das cidades ocasionada na modernidade, se cria o conceito de violência que é um conceito que depende de uma memória de dados para se fazer presente.

Quando um novo crime acontece, atualizamos nossa memória e o ligamos com os crimes ocorridos anteriormente, criando assim a noção do imaginário urbano. Como a estigmatização da favela como lugar de perigo social está amplamente difundida no imaginário.

Ao observar as primeiras páginas dos jornais *de Frutal e Pontal*, percebemos que, via de regra, a violência tem espaço em suas manchetes. Seja através de uma chamada seca ou manchete acompanhada de fotos, as matérias envolvendo o assunto ganham destaque na chamada “embalagem” do jornal. A explicação para este fato pode ser investigada sob dois aspectos: questões mercadológicas ou reconstrução e manipulação da realidade conforme as linhas ideológicas das publicações.

Os “fatos” noticiados são selecionados a partir do conjunto de crenças e desejos que o jornalista representa. Na verdade, não se trata de um trabalho

individual; como se sabe, o jornal-empresa moderno trabalha com equipes hierarquizadas que resselecionam e reconstróem(*sic*) o produto do trabalho jornalístico, decidindo o quê e como deve ser noticiado. Esse trabalho [...] consiste em uma construção social (material e simbólica), em que os emissores terão de considerar os receptores, sob pena de produzirem notícias sem qualquer anuência do público. (Lopes, 2002: 117)

A partir dessas constatações, o presente artigo parte da premissa de que os jornais, por meio de sua construção textual, sugerem a leitura que o receptor terá da realidade através das suas primeiras páginas, estruturando sua percepção do cotidiano a partir das da narrativa jornalística.

Nesse aspecto, a presença do texto se faz importante, já que é ele quem é responsável por transmitir a informação e contextualizar os acontecimentos presentes na capa. A ponte que provoca a aproximação entre morte no jornal e leitor se dá também pelo texto escrito (assim como se dá pelas imagens, cores e diagramação). No texto são recriados “mundos possíveis” (Farré, 2004) ou também o “mundo do texto” (Ricoeu, 2002), além de ser também ponto de interação entre as publicações e o leitor por meio da enunciação (Portari, 2013: 88). Além disso, é importante observa que, conforme Bakhtin (1997: 114), o texto também é “produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor”.

2. A morte e o jornalismo

Se partirmos da definição do dicionário e da língua portuguesa, temos que a morte é um substantivo feminino singular caracterizado como fim da vida (ou do ânimus), pena capital, ruína, queda, fim e termino. Dessa forma, o homem convive com a morte desde o princípio de sua existência, estando ela presente especialmente nos chamados “textos culturais”, sejam eles obras de arte, literárias ou mesmo na música. A relação homem x morte também tem raízes nas estruturas sociais, estando presente até mesmo numa das histórias mais conhecidas do mundo, a Bíblia Sagrada. Logo na gênese do universo é relatada a primeira morte em decorrência de violência: o brutal assassinato de Abel, cometido por seu irmão, Caim. Ao longo de todo o texto religioso, dezenas de massacres e milhares de vidas são extirpadas violentamente, o que nos aponta uma relação muito próxima dos homens com o assunto e, principalmente, as suas raízes culturais. Phillippe Ariès já demonstrava essa relação e destaca que na Idade

Média, na Paris do Século XVI, os corpos apodreciam ao centro do Cemitério dos Inocentes para lembrar às pessoas de como o corpo é perecível.(Ariès, 2010: 34).

Pode-se observar que autores como Nelson Traquina (2008, 2009), Jorge Pedro Sousa (2010) e até mesmo Galtung e Ruge (1956) já apontavam que “*bad News is good News*”, ou seja, que as más notícias são boas notícias porque vendem e carregam por si só um “valor-notícia primordial”, como bem assinala Traquina.

Traquina prossegue ao afirmar que quanto mais raro um acontecimento, mais chance ele vai ter de se tornar notícia, e ilustra um exemplo dos próprios criadores a teoria ao dizer que

um assassinato leva pouco tempo e o acontecimento tem lugar entre a publicação de dois números sucessivos de um jornal diário, o que significa que se pode contar uma notícia significativa de um dia para o outro. Mas escolher um assassinato durante uma batalha onde existe um morto, todos os minutos, faria pouco sentido... (Traquina, 2010: 70)

A forma como cada grupo de pessoas lida com a morte é sintomática de seu valor cultural e de acordo com cada época. Num rápido resumo de como a morte foi tratada pela sociedade nos últimos séculos podemos nos remeter também ao século XVI, quando começou a vigorar um processo de higienização dos espaços públicos. Antigamente a ideia de enterro estava relacionada à salvação, quem era mais importante naquela lógica era enterrado próximo aos altares e quem não era tido como qual, tinha que brigar por lugares próximos a igreja. A higienização fez com que criassem cemitérios nas periferias das cidades, onde cada pessoa podia ter uma cerimonia (enterro) digno e correspondente ao o que suas economias lograssem.

Na “modernidade” a morte foi tirada, subtraída do olhar publico, já na “pós-modernidade”, com a serialização, a banalização, tornou-se rotina informativa se torna uma rotina midiática.

Imbert (2002) atenta que a morte nos dias de hoje eximiu o caráter simbólico, deixou de ser um sentimento substancial e agregador, se tornando um evento que tem uma visibilidade fragmentada, própria para ser consumida pelos telespectadores. Quando se vê um aglomerado de pessoas, logo se tem vontade de ir ver o que aconteceu, não é apenas por curiosidade, o repugnante e o horripilante chamam atenção, cativam.

Quando encaramos o acontecimento morte como algo tangível, a morte é noticiável, o jornalismo se insere nessa representação cultural que mantém o ritual midiático como forma de informação. A morte é uma pauta desde os primórdios mas apenas no século XIX ganha o nome de jornalismo industrial: “(...) revela-se uma economia estética do sensacionalismo, que potencializa o poder da mediação dos jornais entre o público, seu ambiente urbano e sua consciência temporal.” (Matheus, 2007: 19).

Nesse aspecto, os jornais populares são os que têm predileção por esse tema, pois falam de um cotidiano facilmente percebido por seus leitores, tratando sua atenção especialmente em notícias de bairro ou acontecimentos que não fogem à região geográfica de sua circulação, ao contrário de jornais chamados “de referência” que se ocupam especialmente com economia, política e noticiário internacional.

É possível encontrarmos nessas publicações populares uma estética sensacionalista que é utilizada para seduzir o leitor por meio do uso exagerado de cores, diagramação muitas vezes desordenada e textos construídos para causar impacto emocional mais facilmente perceptível para esses leitores. É nessa formatação do produto jornalístico, na construção de sua narrativa que o leitor é colocado diante do trágico, das aberrações e dos mais variados crimes, pois, “diante da impossibilidade de estar cara a cara com a morte, a mídia nos oferece, ao menos, uma dupla mediação: verbal e visual” (Andrade, 2012: 16).

A morte aparece como acontecimento social, coletivo, como um dado de uma realidade social. Como o periódico o denuncia se faz presente, reporta assuntos e mostra a fragilidade do Estado de cuidar da segurança, assume o papel de fiscalizador das ações do executivo, assim atraindo, seduzindo e criando um público leitor fiel.

Para entender como se dá esse processo no âmbito da emissão – já que não foi realizada pesquisa de recepção, o que deverá ser uma próxima etapa da pesquisa - foram observadas a produção de sentido nas primeiras páginas partindo do estudo das manchetes e imagens utilizadas, partindo do pressuposto que as escolhas editoriais estariam ligadas ao objetivo da publicação em desencadear um sentimento comum aos leitores de acordo com a linha editorial estabelecida pelas publicações onde, conforme será apresentado, sobressai-se os temas violência e morte.

3. A morte nos jornais Pontal e De Frutal

A notícia é o que move o jornal. Ela é tida como um conjunto de informações que se relacionam em um espaço e tempo, tendo por necessidade principal o caráter de novidade que sai de uma determinada fonte ou acontecimento. Cabe ao jornalismo recortar esses acontecimentos e enquadrá-los discursivamente da forma como acreditam que seus leitores gostariam de enxergar esses fatos, uma vez que para toda emissão há um “receptor projetado”, como bem aponta Mikhail Bakhtin (1984).

(...) para que o acontecimento exista é necessário nomeá-lo. O acontecimento não significa em si. O acontecimento só significa enquanto acontecimento em um discurso. O acontecimento significa do nasce num processo evenemencial que, como vimos, se constrói ao termino de uma mimese tripla. É daí que nasce o que convencionou chamar de “a notícia”. (Charaudeau, 2006: 132)

O relato de forma simples de crimes violentos e sensações no impresso se deu, principalmente, para cativar novos públicos, cada vez maiores e que eram excluídos dos jornais de referência por não compreenderem a linguagem usada, o tipo de abordagem exposta e pela curiosidade por notícia no âmbito regional. *“A empatia pretendida se perderia no vocabulário de acesso difícil e em forma de expressão que não corresponderiam ao ‘estatus semiótico’ do público-alvo”* (Angrimani, 1995: 109). Além disso, *“(...) a linguagem sensacionalista não admite distanciamento, nem a proteção da neutralidade. É uma linguagem que obriga o leitor a se envolver emocionalmente com o texto, uma linguagem editorial “clichê”* (Angrimani, 1995: 16).

Como o jornal narra acontecimentos impressos com a vida cotidiana, o leitor começa a desenvolver uma identificação com as narrativas do jornal gerando um sentimento de pertencimento da notícia.

As pessoas leem jornais não apenas para se informar, mas também pelo senso de pertencimento, pela necessidade de se sentirem participes da história cotidiana e poderem falar das mesmas coisas que ‘todo mundo fala’. O ato de ler um jornal e de assistir a um programa também está associado a um ritual que reafirma cotidianamente a ligação das pessoas com o mundo. (Amaral, 2006: 59)

Um dos primeiros contatos entre leitor e a publicação está por meio das manchetes de capa, já que na primeira página apresenta-se um resumo dos principais conteúdos presentes na edição. São nesses textos de manchete que encontramos a

utilização de linguagem acessível, com frases diretas, irrigadas de palavras claras e com um grande teor de impacto, diferente do que diz os manuais de redação de grandes jornais como Estado de São Paulo, que tem predileção pela linguagem formal.

Em princípio, é na manchete que se encontram as mais frequentes marcas da oralidade, as metáforas populares de efeito, o discurso dúbio da malícia, a sexualização constante dos referentes, a violência exacerbada do discurso, a gíria, as ousadias dos vocábulos obscenos, as frases feitas mais populares. Segundo os jornalistas, as manchetes merecem cuidados especiais porque delas depende o sucesso da venda do jornal, sendo necessário, portanto, motivar o leitor a facilitar o entendimento. A rigor, o gosto e o interesse do leitor determinará, diariamente a construção da manchete.” (Dias, 1996: 62)

No caso dos jornais Pontal e De Frutal, que apontam essa predileção pelo noticiário policial que envolve violência e morte, encontramos um aspecto singular: a publicação tende a “naturalizar” ou “neutralizar” o impacto negativo da morte em sua diagramação, fazendo com que um assunto negativo seja sucedido, no decorrer da leitura da página, por outro neutro ou positivo (considerando que assuntos neutros ou positivos remeteriam a festas, futebol, e até mesmo anúncios publicitários, ou seja, outras formas de expressão de vida que seriam contrárias à morte).

Assim essa linha editorial tira a carga negativa e faz com que o leitor não fique mal com acontecimentos que retratam violência diariamente e consiga sempre comprar o jornal por conta de ter se acostumado com aquele respiro, provoca uma reação adversa no leitor, isso explica a capa dos jornais que aliam violência com festa da cidade, como vemos nas gazetas de Frutal.

Ao passar os olhos sobre a capa e os cadernos de qualquer diário, perguntamos-nos se o encadeamento de suas diversas editorias e sessões, com seus diferentes tratamentos-sem nos esquecer das inserções publicitárias que vem justapostas-, se essa mescla já não seria uma tentativa midiática de apaziguar os conflitos aos olhos do leitor.” (Vaz, 2010: 25)

Nota-se nas seguintes capas extraídas, a primeira do jornal Pontal de 07 de maio de 2015, a segunda do Jornal de Frutal, 13 de março de 2015 o uso da neutralização.

Figura 1 – Capa do Jornal Pontal – (13.03.2015)



Fonte: Reprodução do original

Analisando as capas, percebe-se o emaranhado de temas que são colocados nelas, onde justaposto a uma foto perfil de seis suspeitos está a foto de dois jovens que aparentam ser de classe média, pelas escolhas das imagens para compor a matéria, ao lado da foto de um Audi todo destruído, no caso, o carro do acidente, abaixo está uma manchete falando da presidenta Dilma, perto da foto do atual prefeito da cidade, com um casal abraçado na esquerda e a direita uma manchete, “R\$320 mil para Frutal” ao lado de várias chamadas, com chapéus de temas diversos cada um com um tom, como se fossem submanchetes sobre: Homicídio, futuro, fiscalização, reciclagem, Frei Gabriel, solução, posse, acidente, social, confraternização

No que se diz respeito às imagens utilizadas nos jornais, elas são usadas para situar o leitor no ambiente e substitui a imagem mental que pode ser criada pelo leitor, nas capas esconde-se o corpo do morto, tem a obsessão de mostrar acidentes com fotos factuais juntamente com fotos de pessoas vivas sobrepostas a foto do acidente, como podemos notar nessas capas do Jornal de Frutal, 13 de março de 2015 e Jornal Pontal, 12 de março de 2015.

Figura 2 –Capa dos jornais- Jornal Pontal (12.03.2015) e Jornal de Frutal (13.03.2015)



Fonte: Reprodução do original

A presença da imagem vinculada ao texto relata diretamente o município de Frutal, mostrando dados geográficos, indiciando pessoas, no caso de capas com suspeitos, não culpados, assim o assunto fica mais real para o leitor, que não precisa mais imaginar o que está lendo e só observar e identificar os locais, que é fácil para uma pessoa nativa de Frutal, assim o jornal vira um formador sócio simbólico para os que o leem.

A perspectiva de mundo dos leitores vai sendo criada por meio de interpretações textuais e imagéticas que o jornal intitula e relata como verdades diariamente, assim construindo sua visão de mundo a partir disso.

A narrativa, ou o comportamento narrativo, tem papel fundamental, sendo ato mnemônico por excelência. Assim, é possível compreender a importância que a mídia e os jornais diários de maneira particular assume nos processos de memória. Não é artifício qualquer de memória. Trata-se de um lugar privilegiado de memória, devido ao seu poder de narratividade (...). (Matheus, 2011: 93)

Nas capas do Jornal Pontal, 28, de maio de 2015 e no Jornal de Frutal, 27, de maio de 2015, tem por prerrogativa, não mostrar o corpo morto, mas sim personificar os agentes da morte, apontando “sujeitos autores” e “vítimas”, no entanto, mostrando a vítima ainda em vida, sem mostrar o corpo morto.

Figura 3 – Capa dos jornais- Jornal Pontal (28.05.2016) e Jornal de Frutal (27.05.2016)



Fonte: Reprodução do original

Tendo como principal prerrogativa excluir o corpo morto da realidade, aquela imagem substitui a imagem do ocorrido em sua realidade, e como um ato simbólico não choca tanto, mas direciona o leitor para entender o fato e os personagens que o situam.

E existe ainda um outro fenômeno que só recentemente começou a revelar seus imensos efeitos: a silenciosa transformação do corpo em uma imagem do corpo, a qual nega a diferença entre imagem e corpo. O imaginário assim surgido dá início, por um lado, à herança de poderes que foram dominantes na teoria e na prática medieval (teologia) e moderna (medicina). Por outro lado, tal imaginário substitui os corpos em sua realidade, tornando-os virtuais. No entanto, permanece por ora em aberto a quem compete dirimir a questão acerca da ausência e dos mortos. (Kamper, 2000: 2)

Com esse artifício as publicações “escondem” a morte, apesar de sua apresentação textual por meio de suas manchetes. É também uma das formas de introduzir o assunto diretamente no cotidiano dos leitores sem apelar para o choque. Desta forma, como aponta Portari (2013), temos um processo de inserção do assunto no cotidiano dos leitores de forma que não se questiona ou se preocupa com os outros aspectos da notícia, como os problemas de segurança ou violência urbana, mas, passa-se a aceitar a morte cruel e violenta como parte do dia a dia, como mais uma etapa do dia ou da semana. Considerando que a mídia atua como estruturadora do cotidiano, como afirmam Leal e Vaz (2010) ao analisarem os meios de comunicação da perspectiva

do dispositivo, as capas dos jornais ora apresentados interferem diretamente na percepção de cotidiano de seus leitores e apresentam a eles um mundo onde a normalidade dos fatos deve continuar apesar das mortes violentas registradas de forma tão constante. É um processo de naturalização onde sente-se o alívio de ver o Outro morrer enquanto o leitor, confortavelmente, aprecia a desgraça alheia com os jornais em mãos.

Conclusões assertivas

Nota-se que a morte aparece de forma tão recorrente que se acredita que ela retrata a fragilidade do município por meio do horror, numa espécie de obsessão temática em cultivar a memória do medo. Como observa Malena Contrera, essas imagens partilhadas acabam fazendo parte da cultura e do modo de vida dos leitores dessas publicações:

...não podemos pensar em nenhuma realidade humana possível sem que a cultura e os processos da comunicação social (as imagens partilhadas) desempenhem papel central na formação da realidade, ou, pelo menos, na forma como os homens a concebem e com ela interagem. (Contrera, 2002: 39)

A morte do outro ocupa a vida de forma coletiva, com prerrogativa de criar concepções a partir dessa realidade retratada, moldando assim o cotidiano e vida social numa estética que também apela para o medo, que "...molda o cotidiano das grandes cidade, desde seus contornos arquitetônicos até o comportamento de seus habitantes" (Matheus, 2011: 25).

A forma como a morte aparece no jornalismo popular, e em especial nas publicações apresentadas, tem dimensões políticas e sociais fortes. Os procedimentos editoriais que organizam o jornal tem esse discurso como o principal para obter visibilidade, pois a questão mercadológica é envolvida diretamente antes do jornal chega ao leitor. Um real onde a morte, a violência e o medo convivem de forma natural e em equilíbrio e harmonia com a política, o futebol e os eventos sociais, ou seja, é apenas mais uma parte desse cotidiano narrado pela mídia impressa.

Referências Bibliográficas

- Amaral, M. (2006) *Jornalismo Popular*. São Paulo: Contexto.
- Andrade, S. (2013) *Um passeio pelas mortes no Super Notícia*. Belo Horizonte. Dissertação (Monografia) Ciências da Comunicação, FAFICH, Universidade Federal de Minas Gerais.
- Angrimani, D. (1995) *Espreme que sai sangue: Um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus.
- Arán, P.; Barei, S. (2006) *Texto/Memoria/Cultura: el pensamiento de Iuri Lotman*. Córdoba: El Espejo Ediciones.
- Contrera, M. (2002) *Mídia e Pânico: Saturação da informação, violência e crise cultura*. São Paulo: Annablume.
- Bahia, J. (1990) *Jornal, História e Técnica: as técnicas do jornalismo*. São Paulo: Ática
- Baitello Junior, N. (1999) *O animal que parou os relógios: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia (2ª ed)*. São Paulo: AnnaBlume.
- Barbosa, M. (2012) *A história da Comunicação no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Barthes, R. (1984) *A Câmara Clara*. São Paulo: Nova Fronteira.
- Bakhtin, M. (1997) *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bakhtin, M. (1996) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Huicitec.
- Baudrillard, J. (1990) *A Transparência do Mal: ensaios sobre os fenômenos extremos*. Campinas-SP: Papyrus.
- Baudrillard, J. (1991) *Simulacros e Simulações*. São Paulo: Relógio D'Água.
- Bucci, E.; Kehl, M. (2004) *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo: Boitempo.
- Bystrina, I. (1995) *Tópicos da Semiótica da Cultura*. (Pré-print). São Paulo: CISC.
- Chareaudau, P. (2006) *O Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto.
- Costa, B. (2002) *Estética da Violência: Jornalismo e produção de sentidos*. Piracicaba: Editora Unimep.
- Dias, A. (1996) *O Discurso da Violência: marcas da oralidade no jornalismo popular*. São Paulo: Educ.

- Dondis, D. (2000) *Sintaxe da Linguagem Visual*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferreira Junior, J. (2003) *Capas de Jornal: A primeira imagem e o espaço gráfico visual*. São Paulo: Editora Senac.
- Flusser, V. (2002). *A Filosofia da Caixa Preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Guimarães, L. (2000) *A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores*. São Paulo: Annablume.
- Guimarães, L. (2003) *As Cores na Mídia: a organização da cor-informação no jornalismo*. São Paulo: Annablume.
- Imbert, F. *A questão ética no campo educativo*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Joly, M. (1999) *Introdução à análise da imagem*. 2.ed. Campinas, Papirus.
- Lopes, L. (2004) *O culto às mídias: interpretação, cultura e contratos*. São Carlos: Editora Ufscar.
- Lustosa, E. (1996) *O Texto da Notícia*. Brasília: UnB.
- Maffesoli, M. (1984) *A Conquista do Presente*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Maffesoli, M. (1987) *Dinâmica da Violência*. São Paulo: Edições Vértices.
- Maffesoli, M. (2003) *O Instante Eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. Moema: Editora Zouk.
- Marocco, B.; Berger, C.; Henn, R. (2012) *Jornalismo e Acontecimento: Diante da Morte*. Vol 3. Florianópolis: Insular.
- Marcondes Filho, Ciro. (1989) *O Capital da Notícia*. São Paulo: Editora Ática.
- Medina, C. (1988) *Notícia: um produto à venda*. *Jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Summus.
- Michaud, Yves. (1989) *A violência*. São Paulo: Editora Ática.
- Porto, M. (2002). *Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea*. In: Baumgarten, M.; Santos, J. (eds). *Sociologias*, n. 8. Porto Alegre, jul/dez de 2002.

Portari, R. (2009) A construção da violência e da morte nas capas dos jornais Folha de S.Paulo e Agora São Paulo. Bauru. Tese (Mestrado) Comunicação Midiática, FAAC, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”.

Portari, R. (2013) O trágico, o esporte e o erotismo: a presença de uma tríade temática nas capas dos jornais Super Notícia e Jornal de Notícias. Belo Horizonte. Tese (Doutoramento) Comunicação e Sociabilidade Contemporânea, FAFICH, Universidade Federal de Minas Gerais.

Rebello, J. (2002) O Discurso do Jornal. Lisboa, Editorial Notícias.

Sodré, M.; Paiva, R. (2005). O que é mesmo uma notícia?. Niterói. Anais do XIV Encontro da Compós, CII, Universidade Federal Fluminense.

Sodré, M. (2006). Sociedade, Mídia e Violência. Porto Alegre: Editora Salinas/PUC-RS.

Sodré, M.; Paiva, R. (2002) O império do grotesco. Rio de Janeiro: Mauad.

Sontag, S.. (2004) Sobre Fotografia. São Paulo: Cia. das Letras.

Sousa, J. (2001) Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia. Porto: Universidade Fernando Pessoa.

Sousa, J. (2002). Uma História Crítica do Fotójornalismo Ocidental. Universidade do Porto, Grifos.

Vasconcelos, S. (org.). (1999) Os Discursos Jornalísticos. Itajaí: Editora da Univali; Maringá: Eduem.

Vaz, P. (2010). Cristo revisitado: experiência estética e fotojornalismo. In: Leal, B. S.; Guimarães, C.; Mendonça, C. (orgs). Entre o Sensível e o Comunicacional. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Vaz, P. (2012) Lições de morte nos jornais. In: Marocco, B.; Berger, C.; Henn, R. (2012) Jornalismo e Acontecimento: Diante da Morte. Vol 3. Florianópolis: Insular.

Vaz, P. (2008). O destino do fait-divers. In: Dornelles, B. (ed). Revista FAMECOS, v. 15, nº35. Brasil: Porto Alegre, abril de 2008, pp. 51-60.

Zeller, C. (2007). La Representación periodística de la violencia y de la desigualdad social. In: Portal De La Comunicación InCom UAB. Disponível em: www.portalcomunicacion.com/esp/dest_violencia_1.html. Consultado em 10 de março de 2007 às 10h27.

Data de Receção: 15/07/2016

Data de Aprovação: 25/10/2016